



António Biscaia é um nome de referência na Figueira da Foz da primeira metade do século XX, nas áreas da Solidariedade Social (então dizia-se Beneficência), do Turismo e do Desporto. “Marechal do Ginásio” lhe chamou, com inteira propriedade, Américo Assunção, pois não só se dedicou ao clube desde muito novo como a sua acção foi decisiva e nunca se esgotou nos cargos directivos ocupados entre 1916 e 1951.



No Álbum de Américo Assunção

ANTÓNIO DA SILVA BISCAIA

1892 – 1970

Começou a sua actividade como dirigente do Ginásio no ano de 1916; ainda se “sentia” o cheiro provocado pelas cinzas do que restava do Teatro Príncipe – sede do Clube desde 1896 – que tinha sido destruído pelo incêndio da madrugada do Carnaval do ano de 1914 (meses depois iria deflagrar a primeira Grande Guerra Mundial).

De Clube próspero, tanto desportivamente como no aspecto financeiro, o Ginásio, de um momento para o outro, ficou reduzido a quase nada, materialmente, mas sobrou-lhe, isso sim, o ânimo e a perseverança de uma parte significativa dos seus sócios, em gerações seguidas, até conseguir o que é hoje. Foi a alma ginasista dos “Oriundos do Teatro Príncipe” que durante largos anos orientou os destinos do clube, entre os quais teve lugar de destaque, ficando desde o início ligado à possível resolução da construção do Teatro, o que não foi possível pelos custos inflacionados, devidos ao reflexo da Guerra, que duraria até 1918. Foi, por parte do Clube, presidente da Sociedade Construtora do Teatro, aquando da sua liquidação.

Com elevado sentido altruísta, foi também o principal mentor da criação da Secção de Assistência, no ano de 1920. Demonstrou grande capacidade de organizador nas Regatas Internacionais efectuadas nos anos 20 e 30, e nos Campeonatos Nacionais de Remo, o que fez que a Figueira fosse considerada a “Meca do Remo Nacional”.

Foi o constante incentivador de manifestações culturais e de solidariedade, através das quais o Ginásio marcou posição de relevo. Numa Direcção, com o Dr. António Rainha, em 1921, começou a nascer a ideia da construção de um Posto Náutico, que não foi levada em diante por a Direcção ter “caído”.

Sem nunca ter praticado desporto, o certo é que António Biscaia foi um dos mais completos e dedicados dirigentes do Clube. Nunca quis ser um dirigente de ribalta (a exemplo de tantos dirigentes que vagueiam por aí...não me refiro ao nosso Clube, como é obvio). Esta da ribalta é do Dr. Joaquim de Sousa...

Nas palavras de José Esteves Martins, outro grande ginasista e grande amigo de António Biscaia e seu companheiro em várias Direcções, entre as trinta (!) de que António Biscaia fez parte!

“Dirigente de uma assombrosa actividade, dele pode dizer-se, sem exageros, que quase não houve um momento da sua existência em que o seu pensamento não estivesse dirigido para o seu querido Ginásio”

Mais palavras para quê ?

Elísio Godinho



Da esq. para a direita: António e os seus irmãos Aires e Severo



O jovem António Biscaia

DEPOIMENTO SOBRE ANTÓNIO BISCAIA

Nunca foi, porque não quis ser, um dirigente de ribalta, um protagonista como o seu irmão Severo. Mas quem se debruçar, com um mínimo de atenção, sobre a História do Ginásio, poderá facilmente detectar a sua presença constante de dezenas de anos, tão discreta quanto importante para a vida do clube.

Em 1944, Mário de Noronha, do Comité Olímpico Português, saudava-o expressamente pelo papel desempenhado na divulgação da Vela. No mesmo ano, escrevia J. Sousa Cardoso. “...nestes quarenta anos de actividade náutica há muitas dedicações, vontades sempre atentas às necessidades do Clube; seria quase impossível referi-las todas. Uma, todavia, não esquecerá: António Biscaia, a quem o Remo português deve ser grato.”

Pertenceu-lhe aliás – ao contrário do que algumas vezes se tem afirmado – a iniciativa das Grandes Regatas Internacionais dos anos 30. Após duas décadas de interregno, em 1958, retomou a realização dessas Regatas. Colaborador da Comissão Organizadora, pude então aperceber-me da sua forma de trabalhar, com métodos (hoje dir-se-iam de rigor) pouco usuais relativamente aos improvisos que constituíam regra da época.

No ano lectivo de 69/70, pouco após o seu falecimento, o Curso de Iniciação Cultural e Desportiva instituiu os Prémios Escolares “António Biscaia”, e no ano seguinte promoveu uma sessão de homenagem, sendo atribuído o seu nome à sala da Direcção. A primeira destas iniciativas perdeu-se...A segunda, carregada de simbolismo, espero bem que não.

Mas a sua acção excedeu, e muito, o âmbito do Ginásio. Ao Centro Republicano José Falcão, à Associação Artística, mas sobretudo à Obra da Figueira e Comissão Municipal de Turismo, prestou inestimáveis serviços.

Como escreveu o José Martins no último “Vai d’Arrinca!...”: “...a História, seja do que for, faz-se dia após dia.”

António Biscaia foi disso um grande exemplo!

Vai d’ Arrinca!... (Junho de 1989) – JS



Almoço de homenagem aos sócios fundadores, no Hotel Portugal (9/5/1954): António Biscaia no primeiro plano, ao centro

MEIO SÉCULO AO SERVIÇO DA OBRA DA FIGUEIRA

“Em Dezembro de 1924, é eleita uma nova direcção de que faziam parte: efectivos – Dr. José Jardim, D. Teresa Conceição Xavier Neto, D. Leonor Nestório Sotero, João José de Figueiredo Costa (tesoureiro), Carlos Cooke e António da Silva Biscaia (secretário). O novo director, o figueirense António Silva Biscaia, iria dedicar-se à instituição por quase 50 anos. À sua iniciativa se devem inúmeras diligências no sentido de obter receitas: peditórios por todo o concelho e junto aos emigrantes do Brasil, América e África; cortejos de oferendas nas freguesias, récitas, saraus, sorteios, tómbolas, quermesses, verbenas de caridade, garraizadas e festas taurinas, serões d’arte, chás-dançantes... por vezes em parceria com a Misericórdia. Essas Festas, que mobilizavam tanto o povo como a “boa sociedade”, realizavam-se no Casino, no Tennis Club, no Jardim Municipal, na Piscina, no Mercado Eng.º Silva, no Coliseu, nas sociedades recreativas locais...”

“Em 1934, entra-se num período de grandes apertos financeiros. O secretário da direcção, António da Silva Biscaia, desdobra-se em iniciativas e refina em imaginação: são Festas por todo o lado onde haja figueirenses e se presuma receptividade: saraus na Casa das Beiras (Lisboa), peditórios nas ruas e

aluguer de almofadas nas toiradas, pelas meninas asiladas; o “Concurso do Vestido de Chita”, a “Festa da Boneca”, a “Festa da Flor”, a “Venda do Cravo”, a “Vindima dos Asilos”, os “Festejos de S. João”... Pede-se tudo: batata aos produtores, bacalhau e sardinha aos armadores, lenha às Matas Nacionais, medicamentos às farmácias e laboratórios, diversos às casas comerciais (da Figueira e de fora)... E de todos os donativos são bem-vindos: 1 abóbora, 1 litro de feijão, graxa para calçado, fósforos e tabaco...”

“Com os altos e baixos de qualquer empresa humana, sempre à mercê da dedicação e da generosidade dos figueirenses, A Obra da Figueira atinge, em 1954, o meio século de existência. Apesar de todas as dificuldades referidas, continuava a levar por diante o Sonho filantrópico que lhe dera origem. Nesse ano, o Asilo Costa Ramos acolhia 79 idosos (outros 51 aguardavam vaga) e o Asilo da Infância 54 meninas (19 em espera). Neste último asilo, funcionava (desde 1929) uma escola primária oficial, também aberta a alunas externas.

A direcção decide comemorar as Bodas de Ouro, sob proposta de António da Silva Biscaia (secretário), que fica encarregado de organizar o programa e escrever uma monografia sobre a efeméride.”

“Em 1957, é eleita a nova direcção, para o triénio 1957/59, constituída por: António da Silva Biscaia (presidente), D. Maria Filipa Falcão Pais, D. Laura Santiago, D. Maria de Jesus Pinto Faria, prof. António Vítor Guerra, Dr. Inácio Reis Lopes e Alfredo Farreca Rodrigues; e Luís Gonçalves Santiago, para presidente da assembleia geral.

A partir desta data e até 1972, por inexistência de actas (ou não se fizeram ou sofreram descaminho), a vida de A Obra da Figueira só pode ser conjecturada, com base em alguns documentos que subsistem. De 1960 a 1970, existem papéis em que António da Silva Biscaia assina como presidente da direcção; e o Dr. Abílio Bastos como presidente da assembleia geral.”

“No Orçamento de 1968, as receitas provenientes de subsídios do Estado (131.100\$00) já superam os donativos de particulares (52.648\$00) o que pode ser explicado por dois motivos: António da Silva Biscaia, doente desde o ano anterior, já não consegue organizar as “festas” e os peditórios que, durante longos anos, constituíam importantes fontes de receita; a política assistencial do Estado ganhava incremento.

António da Silva Biscaia morre em Fevereiro de 1970, tendo integrado as sucessivas direcções desde 1924 (46 anos). Pode dizer-se que com a sua morte, “morreu”, de certo modo, também, o “espírito e o estilo” fundadores de A Obra da Figueira. Aquele modo popular de fazer caridade; aquele pressuposto de que era à Figueira (cidade e freguesias) que cabia o imperativo moral de cuidar dos seus desvalidos (velhos e crianças); aquele apelo à participação caritativa dos figueirenses, de quem a “Obra” era; e o pouco empenho e entusiasmo na obtenção de subsídios do Estado – essa entidade distante e burocrática a que se recorria só em última instância.”

Excertos de:

«A Obra da Figueira – Uma Consciência de Cidadania», da autoria de António dos Santos Silva.

Edição da Misericórdia – Obra da Figueira, 2004.



21 Setembro 1997 – Rua António da Silva Biscaia